CIDAC - CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO AMILCAR CABRAL

Educação para o Desenvolvimento

Ficheiro progressivo

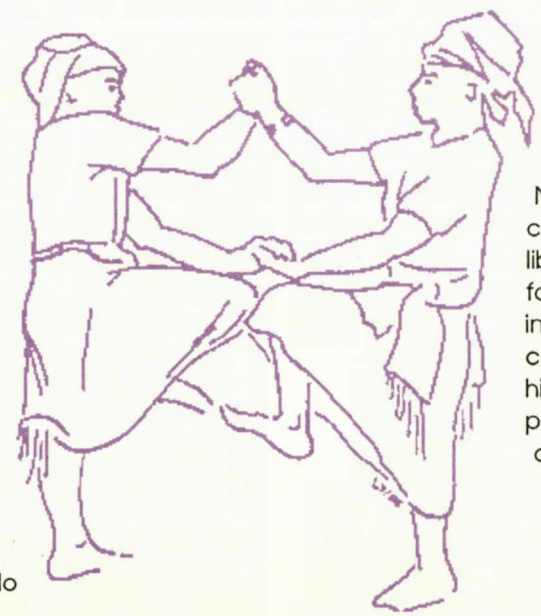
Povos e Regiões
Ficha nº 16

TL 1031

«O confronto Norte-Sul não será uma luta desesperada»

— Xanana Gusmão ao Movimento dos Não-Alinhados

Na viragem do século, a reflexão sobre parte do que é o nosso mundo chega-nos de um pequeno ponto da terra, de um território chamado Timor-Leste, onde um povo luta há 17 anos pelo direito à vida, à autodeterminação e independência. A comunicação rompe o isolamento forçado. Poderíamos dizer, simbolicamente: desde o monte Ramelau vê-se o planeta e sonha-se com o futuro que os homens e mulheres estão a construir.
Timor-Leste é definido pelas Nações Unidas como um "território não-autónomo", o que quer dizer que a sua população não exerceu ainda o direito que lhe assiste de escolher livremente o seu próprio estatuto político e as suas instituições. Em Dezembro de 1975 o colonialismo indonésio substituiu séculos de ocupação portuguesa. Jacarta, que tanto tinha lutado contra os colonizadores holandeses, reedita as suas práticas de domínio pelo terror em terreno vizinho. É um país do Sul que oprime outro país do Sul.
A Indonésia foi um dos fundadores do Movimento dos Não-Alinhados. Em 1992 ganha a Presidência do Movimento e coloca-se no centro dos debates sobre a universalidade do conceito de direitos humanos. Alicerce do regime ditatorial, militar e corrupto, o presidente Suharto tem aspirações a que o seu país lidere uma área do globo em expansão económica e onde predominam os poderes "musculados".
Nas mensagens de Xanana Gusmão, dirigente da Resistência timorense, ao Comité de Descolonização das Nações Unidas (Julho de 1992) e à X Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados (MNA), realizada em Jacarta entre 1 e 6 de Setembro deste ano, encontramos ideias e desafios que se colocam a todos.
É uma contribuição para o diálogo Norte-Sul, escrita com o saber de experiência feito.



O direito dos Povos é inalienável

"No isolamento em que nos encontramos, desde sempre, pudemos saber que se tornou uma responsabilidade histórica deste Comité, a erradicação total do colonialismo até ao ano 2000. É, sob esta promissora visão, que o Comité de Descolonização da ONU mais se afirma como a esperança das aspirações dos Povos que continuam sob o jugo deste retrógrado sistema de dominação.
Nas décadas que se consagraram às lutas de libertação nacional, este Comité foi o forum da defesa do direito internacional dos países e povos coloniais. São as realizações históricas de libertação dos povos oprimidos pelo colonialismo, que constituem a nossa fonte de fé e de esperança, mais ainda quando se aproxima o fim do colonialismo da face da terra.(...)
Em toda a história da luta contra o expansionismo colonial, aos povos oprimidos sempre foram negadas outras possibilidades que não fosse o recurso ao meio violento para fazer face ao arrogante uso da força.(...)
Contudo, estamos perante um momento histórico da humanidade assinalado por modificações políticas em várias

latitudes. Estados de terror viram os seus fundamentos debilitados pela consciência democrática dos cidadãos, regimes totalitários enveredam pelo respeito pelos direitos fundamentais do Homem. Também ditaduras instaladas pelo Ocidente nos países em desenvolvimento viram desabar os seus regimes perante os protestos populares.(...)
E a este Comité, quando apenas faltam 8 anos para o ano 2000, cabe, sem lugar a dúvidas, varrer da face da Terra todas as manifestações do colonialismo, pelo combate à situação ainda prevalecente nalgumas regiões, do colonialismo europeu e pelo combate às ambições expansionistas de países do Terceiro Mundo, como aconteceu com a China em relação ao Tibete, a Indonésia em Timor-Leste, Marrocos no Sahara Ocidental, o Iraque no Kuwait, a Turquia em Chipre.(...)
Temos a certeza de que Timor-Leste não será uma excepção na descolonização dos Povos. A Indonésia que, contra o colonialismo português, fez deste Comité o púlpito de defesa da descolonização, hoje utiliza este Comité precisamente para defender um acto de agressão colonial, de anexação e de ocupação militar, desrespeitando arrogantemente as resoluções do Conselho de Segurança.(...)
Qualquer solução para Timor-Leste deve passar pelo respeito à vontade expressa do Povo Maubere. Nós sabemos que é particularmente difícil para Jacarta uma solução que ponha em causa os fundamentais interesses do Estado indonésio, mas não podemos abdicar dos nossos próprios interesses, não podemos abdicar dos nossos direitos. Segundo a Carta das Nações Unidas, o direito dos povos é inalienável.(...)"

O Confronto Norte-Sul

"Esta Cimeira pretende um reforço de posições do Sul face ao Norte.(...). O confronto Norte-Sul não será uma luta desesperada, mas pede altos juros aos governantes do Terceiro Mundo. Este terá que reparar os seus próprios erros se quiser alterar o MNA numa forte e sólida organização de cooperação económica para o desenvolvimento do Sul.
Enquando a corrupção continuar política governamental e enquanto os regimes repressivos continuarem fortes, mantidos pelos fortes do Norte, os governantes do Terceiro Mundo devem reconhecer uma fraqueza do Sul.
Quando interesses nacionais e/ou regionais prevalecem na formulação dos princípios actuantes nas relações com os poderosos do Norte, dividindo o nosso hemisfério, os governantes do Terceiro mundo devem reconhecer aqui a grande fraqueza do Sul. (...).
Na debilidade política e económica do Sul, avance-se por combater prioritariamente as causas das fraquezas do Sul. O Terceiro Mundo tem que reconhecer, em primeiro lugar, a necessidade de formulação de princípios políticos, pela necessidade de estabelecer as linhas mestras para sanar do nosso hemisfério as calamidades, naturais e as criadas pelos governantes.
Um Sul renovado politicamente, um Sul mais solidário entre si, um Sul que comece a engendrar governantes exemplares e dignos, só um Sul assim pode perspectivar condições de avançar com capacidade no sentido de enfrentar as imposições do Norte.
Enquanto se continuar a definir estratégias de desenvolvimento, pela concentração de um fictício progresso à ocidental em centros capitais urbanos, e deixar-se de atender a um desenvolvimento global e harmonioso do país, em ordem a satisfazer as necessidades básicas da população, não será Suharto, que com milhões e milhões de dólares anuais do Norte, procurará caminho melhor para o Sul.
Falar-se com a linguagem do Sul para o Sul e manter estreitas relações com o Norte, afundando o próprio Povo na dívida que se vai contraindo, é permanecermos na estratégia de: cada um por si e que o Norte nos acuda! (...)."

Diálogo para a solução dos problemas e conflitos

"(...) A Nova Ordem Mundial trouxe promessas de paz e conforto para uma pequena parte da Humanidade. Esta Nova Ordem Mundial deve ser vista sob um novo prisma, por parte do Sul, mas sempre à luz dos princípios universais.
Não concebemos, evidentemente, um Sul armado para guerrear o Norte.
Concebemos um fortalecimento de posições do Sul para dialogar com o Norte.
A ignorância pelo diálogo trouxe as calamidades que hoje assistimos no Sul.
Quando conflitos internos criam mais distâncias entre povos, etnias, partidos e poderes políticos, os governantes do Terceiro Mundo devem reconhecer aqui uma causa das fraquezas do Sul.
Quando face aos princípios universais do Direito, as nações do Terceiro Mundo se dividem segundo os interesses dos fortes, sejam eles do Norte, sejam do próprio Sul, os governantes do Terceiro Mundo devem reconhecer uma outra grande fraqueza do Sul.
Se guerras intestinas e de expansionismo no próprio Sul deslocam populações, provocam a fome, a doença e a morte e se se pedem ajudas ao Norte, os governantes do Sul devem reconsiderar que estas atitudes políticas são a base do sofrimento dos seus Povos.
Penso ainda que o Sul deve, desde já, renunciar à corrida ao armamento. O Sul armou-se com os meios de destruição do Norte

XANANA GUSMÃO
o líder da resistência do Povo Maubere

Era, segundo as suas próprias palavras, "um quadro exclusivamente lançado a organizar as populações, cumprindo as resoluções superiormente tomadas (...), um simples executante, colocado, ainda para mais, nas zonas mais afastadas do Comando Superior da Luta". Reconhece: "não me interessava a política, razão porque ingressei muito tarde na FRETILIN". E explica: "Só o desejo de liberdade e a constatação das aspirações mais profundas do Povo Maubere foram a motivação política para eu encarar as minhas próprias deficiências".

Desconhecido em todo o mundo durante os dificílimos anos em que tomou aos seus ombros a tarefa de reorganizar a Resistência timorense após as ofensivas indonésias de 1978 e 1979, durante as quais foi morto em combate o então Presidente da FRETILIN, Nicolau Lobato, José Alexandre Gusmão foi escolhido pelo semanário Expresso a Personalidade Nacional do Ano de 1991 e é hoje referência obrigatória na imprensa internacional que trata a questão de Timor-Leste e nome já naturalmente mencionado pelos próprios orgãos de comunicação social indonésios.

O seu percurso não é linear, mas a sua determinação parece ser férrea e constante a capacidade de adaptação às novas condições criadas no contexto da luta contra o colonialismo indonésio. "Toda a iniciativa do ocupante teve, tem e terá sempre o efeito do 'boomerang'. Nunca nos assustaram as ameaças, as manobras nem a política do ocupante, porque foi sempre nosso princípio não nos deixarmos abater por tudo quanto o inimigo nos impõe, mas explorar as nossas possibilidades quanto às vantagens que podemos daí cobrar."

Homem de acção, o Comandante-em-Chefe das FALINTIL (Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste) partilha da vida dos seus companheiros de armas: "(...) em noites dessas, queimamos os cobertores, queimamos as roupas, assamo-nos e continuamos rígidos de frio, com as rajadas de vento a fazer-nos voar os telhados das palhotas, a destruir-nos as paredes de capim... e ficamos à espera, numa eternidade inconsolável, do amanhecer...". Assumindo a liderança da luta de Resistência, percorre o país "carregando nas mochilas as informações que vêm chegando da situação de terror generalizado que se abateu sobre o povo maubere."

Homem de reflexão e aprendizagem permanente no confronto com a realidade (local e internacional), o dirigente militar é também um dirigente político, elabora e sistematiza o seu pensamento, procura transmiti-lo com clareza aos seus compatriotas. "Nós é que somos o determinante. Sempre fomos. Nunca percamos a consciência disto. Nós é que temos de imprimir a passagem do actual impasse para uma fase mais dinâmica do processo. Nós é que temos que provocar uma agudização neste complexo sistema de contradições para um salto qualitativamente superior onde se obrigue a um novo enquadramento da questão. Há, assim, necessidade de acção."

Convicto de que "a oposição à anexação forçada que se firmou na continuidade da Resistência Armada se situa hoje no plano político-diplomático, embora sempre com referência ao factor militar (...)", Kay Rala Xanana Gusmão empenhou-se numa comunicação com o exterior que as condições de clandestinidade tornam arriscada e versátil. Cartas, mensagens escritas ou gravadas, entrevistas ao vivo, no interior das montanhas ou enviadas por video, todos os meios são poucos para fazer passar a mensagem e o apelo à solidariedade e à acção política consequentes com os princípios universais. "Desejamos considerar-nos também como parte interessada no conflito e estamos dispostos ao diálogo sem pré-condições no quadro das Nações Unidas".

para capricho dos governantes. (...). Enquanto no Sul continuarmos belicosos, aguçando os lucros do Norte pela venda do seu armamento, os povos do Terceiro Mundo continuarão endividados e, pior ainda, a serem alimentados pelo Norte. É a hora de o Sul tomar consciência disto.

Antes que se avance para projectos, seja para incentivar as alianças económicas regionais, já existentes e inoperantes, seja para ordenar outras estruturas económicas, umas e outras buscando sempre o apoio do Banco Mundial e do FMI, para anunciar transformações impossíveis, o MNA devia delinear, em 1º lugar, um Movimento de Mudanças no Sul. Só com uma reconstrução democrática no Sul se pode avançar definitivamente para a reconstrução económica do Terceiro Mundo.(...).

Uma das fragilidades do Sul é a de defender princípios que os fortes não cumprem, a de adoptar resoluções inconsistentes em cimeiras, em reuniões de alto nível, onde cada anfitrião joga apenas o seu próprio prestígio pessoal. Este é o caso flagrante desta cimeira em Jacarta! Só um movimento de reformas no Sul pode consolidar o estreitamento da cooperação a nível regional nas diversas áreas do Terceiro Mundo e, do resultado deste processo, se está relançando para uma maior solidariedade entre os povos do Terceiro Mundo. (...).

Enquanto populações do Terceiro Mundo experimentarem a angústia da fome e os horrores da guerra e os governantes praticarem a política de repressão pelas armas, compradas ao Norte, não será Suharto que poderá definir conceitos como Paz, Justiça e cooperação entre os Povos! Suharto não pode falar em arrogância do Norte quando continua arrogantemente a desprezar as resoluções da ONU, relativamente à questão de Timor-Leste, quando arrogantemente se nega ao diálogo com os Timorenses.

Se o Sul aplaude as constantes resoluções do Conselho de Segurança até para revistar o quarto de Saddam Hussein, se o Sul condena as violações dos direitos humanos, denunciadas pelo enviado especial da ONU sobre os DH, no Iraque e aplaude Suharto esquecendo a carnificina de mais de 200 mil timorenses, o MNA, (...), terá que aceitar como lógicas as disparidades no próprio Sul. (...). Apelamos aos altos dignitários, chefes de Estado e de Governo dos países participantes da Cimeira em Jacarta para que seja tomada em consideração que a situação degradante do Sul só melhorará quando o Movimento se comprometer a respeitar os seus próprios princípios, à luz dos princípios universais. Se a luta contra o colonialismo do Norte pode aceitar situações coloniais perpetradas por potências regionais do Sul; se o princípio do diálogo para a solução dos problemas não é praticado quando se trata de assegurar os interesses dos fortes do Sul, nada há a esperar da retórica de Jacarta. O fortalecimento dos países do Terceiro Mundo deverá passar pelo fortalecimento dos princípios que todos assumiram."

Autores/Bibliografia

Textos seleccionados por António Pinto Pereira (Comissão para os Direitos do Povo Maubere).

O texto da caixa sobre o líder da Resistência Maubere é da autoria de Luisa Teotónio Pereira (CDPM).

Desenhos de Luís Paulo (CDPM).

O Cartoon de Xanana é de António e foi publicado na edição do Expresso, de 23 de Novembro de 1991.

CIDAC - CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO AMÍLCAR CABRAL
O Ficheiro Progressivo é uma publicação didáctico-pedagógica, não-periódica, de distribuição gratuita.
Apoio da Direcção Geral de Desenvolvimento da Comissão das Comunidades Europeias.
Os interessados em receber esta publicação devem escrever para:
CIDAC - Dep. Educação para o Desenvolvimento
R. Pinheiro Chagas, 77 - 2º Esq. - 1000 Lisboa - tel 54 13 08